

Germinal



N.º 8 — ANO I
28 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de Imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Documentos políticos

Tem causado uma certa sensação a publicação dos *Documentos Politicos*, coleção de cartas dirigidas ao rei D. Manuel por varios homens publicos de marca da Monarquia.

São interessantes as cartas publicadas? São, porque se trata de uma coisa que tem sempre interesse: de documentos para historia. Sob este ponto de vista, quantos mais documentos melhor porque, por insignificante que um documento pareça, deve sempre aproveitar-se pois é muitas vezes nele que se encontra a explicação ou o fio conductor num caso obscuro. Para nós todos, os contemporaneos desses homens e dos acontecimentos a que eles andaram ligados, o interesse dos documentos, forçoso é dizê-lo, não é muito grande, a não ser para os que encontram muito prazer nas minudencias da politica partidaria, porque por essa politica se apaixonam. A verdade é que aquelas cartas pouco ou nada nos vêm dizer de novo, não sendo senão a confirmação do que já todos sabiamos: que os governantes eram patriotas, liberaes e estadistas de pacotilha, nada querendo saber do que realmente podia interessar ao paiz, tendo apenas intelligencia e actividade para as lutas dos partidos, para a satisfação de interesses ou vaidades pessoas. Mas tudo aquilo se sabia, porque eles proprios o vinham dizendo uns dos outros, havia muito tempo. Tal qual está sucedendo agora, na vigencia da Republica...

Com as cartas onde se trata de socialismo e operariado, verifica-se que se trabalhou para fazer do socialismo ou dos socialistas um instrumento de defeza da Monarquia, manifestando-se ao mesmo tempo, não sabemos por-

quê, uma grande antipatia para com os sindicalistas e anarquistas.

Uma coisa ha que resulta da leitura de todos aqueles documentos: é que quanto mais se conhecem os politicos, mais evidente apparece a necessidade de o povo se afastar deles, porque eles nada produzem de bom: ou tiranisam ou corrompem ou iludem. A nosso ver é este, para a actualidade, o melhor serviço que se prestou com a publicação das cartas: forneceu-se mais uma arma aos que combatem a politica de partido... pelo que muito nos felicitamos.

Enigma

Mais um atentado de que ia sendo vitima o sr. Afonso Costa. Com este são... não sabemos já quantos. Como Afonso XIII, sae sempre ileso, felizmente para ele. Para Afonso XIII ha, como é sabido, uma explicação que já ninguem põe em duvida: Don Alfonso é protegido pela Virgem. Mas isso não se pode dar com o sr. Afonso Costa. Eis uma explicação a encontrar, que muito deve interessar os amadores de enigmas.

Acção directa

Dizem os jornaes que se produziram conflictos numa localidade ás portas de Berlim. Durante uma venda de batatas baratas, realisada pela municipalidade ás mulheres de soldados, milhares doutras e de creanças esperavam, debaixo de chuva, a sua vez, quando veio um empregado anunciar que só seriam servidas as mulheres que tivessem pago as suas contribuições. Voltando com os respectivos recibos, folhas dito que nada receberiam, as que não tivessem um certo cartão passado pelas autoridades. A multidão furiosa cahiu sobre os empregados e pôz a saque o edificio municipal.

Os anarquistas e a guerra europêa^(*)

Creio estarem em erro os que não veem nesta guerra, nada mais do que o resultado de rivalidades economicas.

Se os mais simples phenomenos sociaes são produtos de causas varias combinadas, como se pode reduzir este conflicto, um dos maiores que o mundo tem conhecido, a uma briga, em ponto grande, entre capitalistas e politicos, a uma pura rivalidade comercial entre a Inglaterra e a Alemanha?

Não; a questão é muito mais complexa e o que está em jogo é mais alguma coisa do que mercados a ganhar ou a perder.

Se assim não fosse, creio que esta guerra não teria estalado, porque não merecia a pena faze-la; ninguem ganhava com isso.

Com a propaganda anticapitalista que se fez, deixámo-nos naturalmente levar pela necessidade de demonstrarmos o que diziamos; e pouco a pouco, succedeu perdêr-se de vista a complexidade da questão social, desdenharem-se outros factores alem do economico e reduzir-se tudo a uma questão de «deve e haver» nacional e internacional.

Permita o leitor que eu exponha o meu caso. Não sendo dos que mais desdenham dos factores não economicos, perdi-os com tudo de vista o suficiente para me enganar sobre a guerra europeia. Pela tendencia referida a ver sempre as rivalidades economicas do-

(*) No artigo anterior ha uma passagem que se presta a confusões, por deficiente. Onde se lê: «Que me importa colaborar com o Estado», deve ler-se: «Que me importa colaborar com um adversario, mesmo o Estado». Como lá está, pode tudo o mais que se segue ser mal comprehendido, por obscuro.

minando na politica internacional, eu estava convencido de que estas se liquidariam entre as nações fortes á custa dos povos fracos, sem se recorrer ás armas, visto que a guerra, era economicamente um desastre para todos. E por isso, em contrario de quasi toda a gente, nunca julguei que a guerra estalasse.

Transcrevo, em apoio, as seguintes palavras dum folheto que ha pouco mais dum ano publiquei, onde tratava da integridade das colonias portuguezas:

«Por muito grande que seja a ambição dos financeiros e dos politicos, para os quaes a guerra é uma fonte de receita e satisfação de vaidades, difficilmente a guerra será declarada entre as chamadas grandes potencias. E' fóra de duvida que estas nações, que dispõem da paz do mundo, se mostram de dia para dia mais decididas a evitar, custe o que custar, a terrivel conflagração.

O tremendo desastre que esta guerra seria para todos, para vencidos e vencedores, apparece cada dia com mais nitidez aos olhos de toda a gente, fazendo reflectir os mais militaristas e os mais ambiciosos.

Por vezes parece estar-se ou está-se realmente a dois passos da guerra; mas o espectro das suas consequencias apparece e a paz mantem-se. «Tudo menos a guerra», é já talvez uma fórmula tacitamente reconhecida, que será, dentro de pouco tempo ostensivamente proclamada; e tudo se fará para a evitar, porque se terá reconhecido que qualquer outra solução, mesmo aos olhos dos mais ambiciosos e dos menos sensiveis, lhe é preferivel.»

A dar razão a estas palavras havia os factos e havia as palavras de economistas entre os quaes apparecia Norman Angell expondo admiravelmente a inutilidade da guerra para qualquer dos combatentes.

Nestas condições não acreditava no conflicto, tanto mais que sabia que para muitos industriaes e financeiros convinha mais a paz armada do que a guerra.

Enganava-me como se vê;

e passada a comoção da surpresa e a confusão naturalmente produzida no espirito com o rebenatar da conflagração, perguntei a mim proprio porque me enganara. Não ficaram confundidos nem tiveram certeza que fazer esta pergunta, os inumeros felizes para quem a guerra fôra sempre uma coisa certa ou que tinham opiniões inabalaveis sobre a sua significação social.

A resposta — não immediatamente dada! — áquella pergunta, foi esta:

Enganei-me porque não supunha que houvesse motivos não economicos, suficientemente fortes para desencadear a guerra, pois só estes a podiam ter desencadeado.

As rivalidades economicas mais fortes, eram entre a Alemanha e a Inglaterra. Pois quanto mais se estuda a questão, mais nos convencemos de que nem a alemães nem a ingleses convinha economicamente a guerra. Não quer isto dizer que os ingleses vissem com indiferença os grandes progressos economicos dos alemães, que não procurassem fazer-lhes face, e que para isso não empregassem todos os recursos e manhas diplomaticas. Essa é a parte economica do conflicto e que ninguem de são juizo pode pôr de lado, assim como ninguem pode esquecer, é claro, que a causa fundamental da conflagração está na actual organização social, na desigualdade economica. Mas essa causa está em todos os conflictos sociaes, nas guerras e nas revoluções, nos protestos entre as nações e entre os partidos; está contida declarada ou tacitamente em todas as questões colectivas nacionaes ou internacionaes. *Sob este ponto de vista*, todos os conflictos se equivalem, e tão conflicto economico é uma revolução como uma guerra.

Mas se á Inglaterra não era indiferente a expansão economica alemã — nem outra qualquer — isso não significa que ela fosse até á guerra para a entrar, porque o remedio seria peor do que a doença. De resto, os factos demonstram que assim se pensava na Inglaterra.

Aos alemães ainda menos a guerra convinha. Para quê, a guerra? Pois era possivel que ela desse á Alemanha mais prosperidade economica do que a realisada nos ultimos quarenta anos? O interesse dos alemães seria *continuar* como até agora, visto os assombrosos (o termo não é exagerado) resultados obtidos.

Como é que os alemães iam interromper com grande risco de destruir — como está acontecendo — uma situação que se traduzia numa prosperidade que era o assombro de todos e inquietação de muitos? Pois não era este o melhor argumento para eles persistirem em

que se mantivesse este estado de coisas?

Teria desaparecido agora o internacionalismo da finança e da industria, que fazia solidarios os capitalistas de todos os paizes? Pois se a vida economico-capitalista estava internacionalizada em interesses comuns e reciprocos, se o dinheiro não tem patria, como tantas vezes se disse e é verdade, não é evidente que se a guerra estalou, prejudicando e arruinando capitalistas de ambos os lados — os quaes como homens de negocio inteligentes e nada idealistas, bem sabiam que só tinham a perder com a guerra — é porque factores d'outra ordem se impuzeram para que ela estalasse?

Estudemos a questão e não nos iludamos; se se tratasse apenas de mercados, alemães e ingleses ter-se-iam entendido, quer por concessões reciprocas quer á custa dos fracos, como varias vezes tem sucedido. O que determinou esta guerra, *contraria aos interesses economicos da burguezia capitalista*, foi a necessidade de firmar, na Alemanha, os privilegios das classes dominantes combinados com o espirito de conquista da sua casta militar.

(Continua)

Emilio Costa.

Reunião sindicalista

Na reunião realisada na ultima segunda-feira, tratou-se da publicação do *Sindicalista*, discutindo-se os meios a empregar para que essa se faça o mais cedo e nas melhores condições possiveis. Não se tratou da *Liga* (proposta apresentada na primeira reunião) por não estar presente o seu proponente. Marcou-se nova reunião para segunda-feira, 1, na qual se devem debater assuntos que muito interessam, pelo que será conveniente que ninguem falte.

Contra a carestia

No dia 7 houve na Povoia de Varzim um comicio em que foi aprovada uma moção que termina pelas seguintes palavras:

O povo de Povoia e Vila do Conde, reunido em comicio publico resolve:

1.º — Protestar contra a ganancia dos capitalistas, senhorios e açambarcadores, e bradar em toda a parte: «Pão e Trabalho».

2.º — Se alguém for preso por protestar contra a carestia da vida ou porque, tendo fome, vá buscar que comer a qualquer parte onde o haja, a comissão local deve imediatamente reclamar a sua soltura; mas, se a autoridade a mantiver, a comissão deve convocar imediatamente um comicio publico para deliberar o que se tiver de fazer.

3.º — Quando qualquer individuo for preso pelo que fica dito, todos nós devemos alimentar a sua familia como dever de solidariedade.

4.º — Caso a autoridade exerça a violencia contra quem quer que seja sobre este motivo, em qualquer parte do paiz, tentaremos por todos os meios reagir indo até, se for preciso, á greve geral em todo o paiz, em sinal de protesto contra a fome.

5.º — Participar estas resoluções aos jornais operarios e ás comissões de carestia da vida e falta de trabalho, de Portugal.

Accidentes no trabalho

I

A explosão da Companhia do Gaz, que em outubro do ano findo sobresaltou Lisboa e impressionou todo o país com os seus horrores, teve varias consequencias. Entre elas, como se sabe pela imprensa diaria e por uma ou outra pequena nota dos nossos jornais, destaca-se o julgamento realisado no tribunal especial dos arbitros avindoros dos accidentes do trabalho em que era a Companhia do Gaz acionada pelas familias dos operarios nela sinistrados. Esse julgamento, pela forma como correu e pelos resultados que teve, fez convergir as atenções de muita gente sobre a lei dos accidentes no trabalho, sobre as suas qualidades e sobre os seus defeitos, quer no que respeita ao espirito que a ela presidiu, quer no que se refere á forma que tomou, á maneira como se encontra redigida.

O autor do projecto veiu á estacada em defeza da sua dama, realisando uma conferencia em que largamente historiou a difficil travessia que esse projecto teve aavez das duas casas de S. Bento até se transformar em lei, e em que nos disse dos fins que houvera em vista ao introduzir nela determinadas disposições e em evitar que outras lá ficassem consignadas. Sobre alguns pontos foi depois contraditado por Campos Lima e por mim — nós dois que, como advogados das familias das victimas, haviamos acompanhado todo o julgamento, estudado e interpretado a lei e os regulamentos posteriores e tomado pelo caso um verdadeiro interesse. Interesse motivado pelo lado moral e social do caso em questão e pelos efeitos da lei dos accidentes no trabalho, na sua applicação.

Eduardo de Freitas, um operario conhecido no movimento sindicalista e membro do tribunal que julgou os processos intentados contra a Companhia do Gaz, fez tambem uma conferencia expondo o que se havia passado durante as quatro sessões do julgamento, criticando a conferencia do autor do projecto, apresentando as suas opiniões ácerca da eficacia da lei e chamando para ela as atenções e o estudo do principal interessado em que ela se applique e em que se modifique para melhor — o operariado.

*

Ora... é muito costume nosso termos grandes entusiasmos por um assunto qualquer, apaixonarmo-nos por um aspecto da vida, por qual-

quer facto social que nos impressionou, e principiarmos a agitar a opinião em roda d'ele ou a estudá-lo e a discutí-lo com ardor. Depois... depois... como não se conseguiu de pronto uma victoria retumbante, como os resultados não são tão rapidos nem tão importantes como esperavamos, como haviamos *sanhado*, esfriamos e abandonamos a campanha, o estudo ou a discussão...

E' o que eu receio que aconteça com este caso, que repito tão importante para o operariado e tão util afinal, para todo o publico, e por isso venho dizer de minha justiça em uma serie de pequenos artigos, para que a meus proprios olhos eu não possa passar por ter contribuido com o meu silencio e a minha inação para que tudo se esqueça e nada se faça.

O caso tem varios aspectos sociaes: moral, economico, politico, juridico, etc. E os factos, desde a explosão ao julgamento, desde o que se tem dito ao que se escreveu e publicou, dão assunto de sobejo para essas considerações que vou procurar fazer, pela forma que mais possa interessar aos leitores do *Germinal* e mais possa ser util á campanha aturada que, no meu entender, o operariado e o publico não indiferente deveriam levantar.

Continuaremos pois.

Sobral de Campos.

A questão do pão

No dominio passado reuniram-se extraordinariamente os manipuladores de pão, na séde da sua associação de classe, e aprovaram uma extensa moção que termina pelas seguintes conclusões:

Reclamar do governo que as misturas a fazer sejam reduzidas ao minimo, criando-se tambem o menor numero de tipos de pão; que no preço a estabelecer para os novos tipos de pão, sejam os industriais habilitados e obrigados a dar a percentagem de 10 0/0 aos revendedores, visto tal percentagem representar, em Lisboa, o unico salario de mais de dois mil manipuladores de pão; que para a execução desta e de outras reivindicações, seja aggregado á comissão de subsistencias um representante, pelo menos, desta associação; que seja distribuido profusamente um manifesto esclarecendo o publico e demonstrando-lhe que esta classe não é culpada da actual situação, criada pela falta de farinhas, e finalmente que em caso de necessidade, se realize tambem um comicio publico, com o concurso das demais associações para apuramento de responsabilidades.